



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI
AOS PARTICIPANTES NA SESSÃO PLENÁRIA
DO PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO
DA UNIDADE DOS CRISTÃOS**

Sexta-feira, 17 de Novembro de 2006

Senhor Cardeal

Venerados Irmãos

no Episcopado e no Sacerdócio

Estimados Irmãos e Irmãs

"Graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo" (*Rm 1, 7*). É com estes bons votos de São Paulo aos Romanos que me dirijo a vós, que dedicais a vossa inteligência, o vosso amor e o vosso zelo à promoção da plena comunhão de todos os cristãos, em conformidade com a vontade do próprio Senhor, que rezou por esta unidade nas vésperas da sua paixão, morte e ressurreição. Agradeço em primeiro lugar ao vosso Presidente, Senhor Cardeal Walter Kasper, a sua saudação e o denso resumo do trabalho da vossa Sessão Plenária, e estou grato a todos vós que trouxestes a este encontro a vossa experiência e a vossa esperança, comprometendo-vos na busca de respostas adequadas para uma situação que está a mudar. É precisamente nisto que se concentra o tema que escolhestes e estudastes: "*A situação ecuménica em mudança*". Estamos a viver hoje um período de grandes transformações em quase todos os sectores da vida; portanto, não nos podemos admirar se isto incide também sobre a vida da Igreja e sobre os relacionamentos entre os cristãos.

Todavia, é necessário reconhecer desde o princípio que, apesar da presença de mudanças de situações, de sensibilidades e de problemáticas, contudo a finalidade do movimento ecuménico permanece imutável: a *unidade visível da Igreja*. Como se sabe, o Concílio Vaticano II considerou como uma das suas principais intenções o restabelecimento da plena unidade entre todos os cristãos (cf. *Unitatis redintegratio*, 1). Também eu tenho esta intenção. É de bom grado que

aproveito esta oportunidade para reiterar e confirmar, com renovada convicção, aquilo que já afirmei no início do meu ministério sobre a Cátedra de Pedro: "O seu [de Pedro] sucessor actual disse então assume como compromisso prioritário, o de trabalhar sem poupar energias pela reconstituição da unidade plena e visível de todos os seguidores de Cristo. Esta é a sua ambição, este é o seu dever urgente". Sucessivamente, acrescentei: "O actual sucessor de Pedro deixa-se interpelar pessoalmente por esta interrogação e está disposto a fazer tudo o que puder para promover a causa fundamental do ecumenismo" (*Insegnamenti*, vol. I, 2005, pág. 11).

Na verdade, desde o Concílio Vaticano II até hoje deram-se muitos passos rumo à plena comunhão. Tenho diante dos meus olhos a imagem da Sala do Concílio, onde os Observadores delegados das outras Igrejas e Comunidades eclesiais estavam atentos, mas silenciosos. Nas décadas sucessivas, esta imagem cedeu lugar à realidade de uma Igreja em diálogo com todas as Igrejas e Comunidades eclesiais do Oriente e do Ocidente. *O silêncio transformou-se em palavras de comunhão*. Um trabalho enorme realizou-se tanto a nível universal como local. A fraternidade entre todos os cristãos foi redescoberta e restabelecida como condição de diálogo, de cooperação, de oração comum e de solidariedade. É quanto o meu Predecessor Papa João Paulo II, de feliz memória, pôs em evidência na Carta Encíclica sobre o compromisso ecuménico onde, entre outras coisas, afirmou de maneira explícita que o "fruto precioso das relações entre os cristãos e do diálogo teológico que eles realizam, é o crescimento da comunhão. De facto, tais iniciativas tornaram os cristãos conscientes dos elementos de fé que têm em comum" (*Ut unum sint*, 49). Esta Encíclica ressaltava os frutos positivos das realizações ecuménicas entre os cristãos, tanto do Oriente como do Ocidente. Como posso deixar de recordar, neste contexto, a experiência de comunhão vivida com os representantes das outras Igrejas e Comunidades eclesiais, provenientes de todos os continentes para participar no funeral do inesquecível Papa João Paulo II e também na inauguração do meu Pontificado? A partilha da dor e da alegria é um sinal visível da nova situação criada entre os cristãos. Por isso, bendito seja Deus! Também a minha iminente visita a Sua Santidade Bartolomeu I e ao Patriarcado Ecuménico constituirá mais um sinal de consideração para as Igrejas ortodoxas, e agirá como um estímulo esta é a nossa esperança para apressar o passo rumo ao restabelecimento da plena comunhão.

Todavia, na realidade temos que reconhecer que ainda há um longo caminho a percorrer. Sob muitos aspectos, a situação mudou desde o Concílio Vaticano II, e o Card. Kasper descreveu-nos tais mudanças em grandes linhas. As rápidas transformações no mundo tiveram as suas repercussões também sobre o ecumenismo. Na época do Concílio, muitas das veneradas Igrejas do Oriente viviam em condições de opressão, perpetrada por regimes ditatoriais. Hoje, elas recuperaram a liberdade e estão comprometidas num vasto processo de reorganização e de revitalização. Estamos próximos delas através dos nossos sentimentos e da nossa oração. A parte oriental e a parte ocidental da Europa estão a aproximar-se; isto estimula as Igrejas a coordenarem os seus esforços relativos à salvaguarda da tradição cristã e do anúncio do Evangelho às novas gerações. Tal colaboração torna-se particularmente urgente em virtude da situação de avançada secularização, sobretudo do mundo ocidental. Felizmente, depois de um

período de diversificadas dificuldades, o diálogo teológico entre a Igreja católica e as Igrejas ortodoxas adquiriu um renovado impulso. A Comissão mista internacional de diálogo pôde encontrar-se positivamente em Belgrado, onde foi hospedada com generosidade pela Igreja ortodoxa da Sérvia. Nutrimos grande esperança pelo caminho futuro, que será percorrido no respeito pelas legítimas variedades teológicas, litúrgicas e disciplinares, em vista de alcançar uma comunhão cada vez mais completa, de fé e de amor, em que seja possível um intercâmbio cada vez mais profundo entre as riquezas espirituais de todas as Igrejas.

Também com as Comunidades eclesiais do Ocidente mantemos vários diálogos bilaterais, abertos e amistosos, que denotam progressos no conhecimento recíproco, na superação de preconceitos, na confirmação de algumas convergências e na própria identificação mais específica das autênticas divergências. Gostaria de mencionar, sobretudo, a "Declaração conjunta sobre a doutrina da justificação", alcançada no diálogo com a Federação Luterana Mundial, e o facto de que a esta Declaração o Conselho Metodista Mundial por sua vez deu o próprio consentimento. Entretanto, surgiram várias importantes problemáticas, que exigem um aprofundamento e um acordo. Subsiste, acima de tudo, a dificuldade de encontrar uma concepção comum sobre a relação entre o Evangelho e a Igreja e, a este propósito, sobre o mistério da Igreja e da sua unidade, assim como sobre a questão do ministério da Igreja. Sucessivamente, manifestaram-se outras dificuldades no campo ético, com a consequência que as diferentes posições assumidas pelas Confissões cristãs, sobre as correntes problemáticas, reduziram a sua incidência orientativa diante da opinião pública. Precisamente deste ponto de vista, é necessário um aprofundado diálogo sobre a antropologia cristã, mas também acerca da interpretação do Evangelho e da sua aplicação concreta.

De qualquer maneira, o que deve ser promovido prioritariamente é o ecumenismo do amor, que deriva de forma directa do novo mandamento legado por Jesus aos seus discípulos. Acompanhado por gestos coerentes, o amor suscita a confiança, fazendo abrir os corações e os olhos. Por sua própria natureza, o diálogo da caridade promove e ilumina o diálogo da verdade: com efeito, é na verdade completa que se realizará o encontro definitivo, ao qual conduz o Espírito de Cristo. Sem dúvida, não é o relativismo ou o fácil e falso irenismo que resolve a investigação ecuménica. Pelo contrário, eles deturpam-na e desorientam-na. Além disso, é preciso intensificar a formação ecuménica, partindo dos fundamentos da fé cristã, ou seja, do anúncio do amor de Deus, que se revelou no rosto de Jesus Cristo e, contemporaneamente, em Cristo também desvelou o homem ao próprio homem, levando-o a compreender a sua excelsa vocação (cf. Gaudium et spes, 22). Estas duas dimensões essenciais são sustentadas pela colaboração concreta entre os cristãos, que "exprime vivamente aquela união que já existe entre eles, e põe em luz mais plena a face de Jesus Cristo [servo]" (Unitatis redintegratio, 12).

Para concluir estas minhas palavras, desejo confirmar a importância totalmente especial do ecumenismo espiritual. Portanto, justamente o Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos compromete-se em tal ecumenismo, alicerçando-se na oração, na caridade e na

conversão do coração, tendo em vista uma renovação pessoal e comunitária. Exorto-vos a continuar ao longo deste caminho, que já deu numerosos frutos e há-de dar ainda mais. Quanto a mim, asseguro-vos a assistência das minhas orações enquanto, como penhor da minha confiança e do meu carinho, a todos concedo uma especial Bênção Apostólica.

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana